* O PERIÓDICO DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA (AGAL) QUE SE DISTRIBUI NO DIA DA FESTA NACIONAL

FEST-AGAL*

ANO VI
JUL'15

TRÊS APELIDOS GALEGOS

FRAGA FRANCO FILGUEIRA

SAÚDO PRESIDENCIAL

Três F's galegos

MIGUEL R. PENAS · Presidente da AGAL

Três F's galegos influírom, em grande parte, no destino do galego na Galiza durante o passado século XX. Três apelidos: Franco, Filgueira e Fraga, que nos marcárom a lume.
Cumpre determo-nos e tentar reconhecer a nossa História mais recente. A situaçom atual da cultura e do galego nom é a que é por causa do acaso, é produto do que os três F's planificárom, somos produto da sua conceçom do mundo e da língua.
Um desenho que acouta as nossas oportunidades, que nos limita, que procura reduzir as nossas potencialidades e que, aliás, racha com a nossa tradiçom e com o nosso passado. Um guiom pré-desenhado que está feito a medida de umha determinada estratégia para o galego, que o situa como umha língua nom completa, como umha língua que sempre precise de um complemento. E já sabemos qual é sempre esse complemento. E já sabemos que pequena é a necessidade de aprender e de manter as ferramentas menos úteis. Os senhores dos três apelidos galegos eram conscientes disto, e nom só no tema da língua, e por isso apostárom nessa imagem de reserva espiritual da Galiza sentimental. Nom fôrom os únicos, por desgraça.
Mas, ainda bem que também fôrom muitos os outros olhares. Ainda bem que fôrom muitas as pessoas que nom aceitárom o roteiro imposto e tivérom a valentia de imaginar outros caminhos. Os espaços de liberdade e de oportunidade que hoje podemos desfrutar, e tentar aproveitar, som devedores diretos destas pessoas sonhadoras de alternativas. E aqui é onde se situa a AGAL e a estratégia reintegracionista. Aqui é onde queremos estar. Projetando um roteiro diferente do que aqueles três F's pretendiam desenhar para o galego-português da Galiza. Apostando por esses outros três F's de Forte, Fundamental e de Futuro. Forte porque as línguas devem ser o mais completas possíveis, ser capazes de preencher todas as necessidades que temos como utentes. Fundamental porque grande parte do que somos como coletivo está intimamente ligado à nossa língua, e sem ela seríamos algo totalmente

Miguel R. Penas

diferente, qualquer cousa menos nós mesmos. F também de 'futuro', aquilo que planeamos para o galego. Entender a nossa língua como português, e como nom exclusiva das nossas fronteiras, é imprescindível para construir essa nova estratégia.
Necessitamos que o novo discurso chegue já, em forma de novo consenso. E necessitamos que o novo consenso saiba aproveitar a situaçom estratégica que temos como galegos e galegas: ponte entre os universos culturais da lusofonia e a hispanofonia. É umha focagem que só nos reforça. É umha mais-valia que devemos saber aproveitar coletivamente.

Três apelidos: Franco, Filgueira e Fraga, que nos marcárom a lume a todas e todos.

F também é a letra com a que começa a palavra 'futuro' e isso é o que plantejamos para o galego.

Grande parte do que somos como coletivo vai intimamente ligado à nossa língua

Folha de Inscriçom

http://associar.agal-gz.org

Nome e Apelidos: _____

B.I.: ☐☐☐☐☐☐☐☐ Profissom: _____ Data de nascimento: _____

Endereço (rua, praça,...): _____

Código Postal e Localidade: _____ País: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ Correio-e: _____

Tipo de quota:

☐ 2,50€/mês ☐ 3€/mês ☐ 4€/mês ☐ 5€/mês ☐ 6€/mês ☐ 7€/mês ☐ 8€/mês ☐ 9€/mês ☐ 10€/mês

☐ Estudante ou desempregado/a 1,875 €/mês ☐ Outra: _____

Assinante da revista AGÁLIA

☐ 20€ / ano (apenas versom eletrónica)
☐ 20€ / ano (Sócios/as Estado espanhol)
☐ 28€ / ano (Sócios/as resto da Europa)
☐ 31€ / ano (Sócios/as América do Sul e EUA)

Amigo/a do PGL:

☐ 15€ / ano
☐ Outra: _____

Amigo/a das escolas Semente:

☐ 10€ / ano
☐ Outra quota maior: _____

Número de Conta (formato IBAN): Assinatura:

☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐ ☐☐☐☐

Pagamento Fracionado: (Meses de maio e novembro) ☐ Sim ☐ Nom

http://associar.agal-gz.org

Ao preencheres a presente folha estás a dar a tua conformidade para os teus dados serem utilizados para o uso interno da Associaçom Galega da Língua (AGAL) dos quais disporá o seu Conselho (órgao diretivo), de acordo com as necessidades organizativas e/ou associativas. O nome e nº de associado/a serám acessíveis aos membros da Associaçom nos termos estatutários e regulamentares. Assim mesmo, poderás modificar ou cancelar estes dados em qualquer momento, notificando-o no correio eletrónico secretaria@agal-gz.org.

FEST-AGAL • A revista da AGAL que se distribui no dia da Festa Nacional

Associaçom Galega da Língua (AGAL) • Ano 2015
agal@agal-gz.org | www.agal-gz.org

Queres-te associar à AGAL? Informa-te em http://associar.agal-gz.org

EDITA: Associaçom Galega da Língua (AGAL)
DIREÇOM: Miguel R. Penas
COLABORAÇÕES: José Ramom Pichel, Raimundo Serantes, Valentim Fagim, A Semente, Noemi Pinheira, Ernesto V. Souza, Iria Mayer
REVISOM: Valentim Fagim e Eduardo Maragoto | **PUBLICIDADE:** Iria Mayer
CAPA: Ideia original e realizaçom: Suso Sanmartin | Agradecimentos: Aos atores: César Goldi (Franco), Pepe Penabade (Fraga), Manuel San Martín (Filgueira). Aos fotógrafos: Antón García (foto Goldi/Franco), Desconhecido/a (foto Penabade/Fraga) e Suso Sanmartin (foto San Martín/Filgueira), Vitor Mosqueira (Atrezzo Filgueira) e Gerardo Uz (assistência técnica)
DIAGRAMAÇOM: Gerardo Uz, Ricardo Cabanelas e Miguel R. Penas
TIPOGRAFIAS EMPREGUES: "Carme" e "Milocha" | **IMPRIME:** Galicia Editorial

AGAL ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA
www.agal-gz.org

REPORTAGEM

Quem era Filgueira ?

Ernesto V. Souza

Xosé Fernando Filgueira Valverde (Ponte- Vedra 26-10-1906, 13-11-1996).
Filho do médico José María Filgueira e da granadina Araceli Valverde, afilhado de Enrique Ballina, medrou em ambiente religioso e cultivado. Aluno brilhante, teve Castelão, Ramon Sobrino Buhigas e Antón Losada Diéguez por professores. Assistiu à tertúlia do último, onde se relacionou com

Xosé Filgueira Valverde saudando amavelmente a Xosé Luís Méndez Ferrin

Sanchez Cantón, os Iglesias Vilarelle e os Pintos.
No curso 1922-23 começa estudos de Filosofia e Letras, preparatórios de Direito, numa universidade de Santiago em que os novos professores incorporavam métodos e disciplinas europeizantes e na qual alguns moços concebem por primeira vez a cultura e a língua galega como carreira profissional.
Licenciado em Direito em 1927 e por livre em História por Saragoça, deixa a Universidade antes dos maiores conflitos contra a Ditadura. Professor ajudante no Liceu desde 1928, secretário da Junta Provincial de Monumentos e Museu de Ponte Vedra (1929), fundador e ativo membro na seção de Arte e na catalogação do património, diretor da Seção de Literatura do SEG, em 1933 ministrará o I Curso de Literatura galega na Universidade.
Intelectual de ação, discípulo de Armando Cotarelo, protegido de Sanchez Cantón, será fundamental em Labor Galeguista; Secretário adjunto ao Secretario Geral (Alexandre Bóveda) do nascente Partido Galeguista e na Assembleia de Municípios (1931-34). Com o fracasso das eleições de novembro de 1933, substituído por Vitor Casas, a deriva para a Fronte Popular, afasta-o do PG.

Em janeiro de 1941, em sessão irregular, é investido académico da RAG. Em 1942 é presidente da Comissão depuradora do magistério

Catedrático em 1935, destinado a Barcelona, passará a Melilha e rapidamente a Lugo, onde conhecerá María Teresa Iglesias, a sua esposa.
Em novembro doutora-se na Universidade Central com tese dirigida por Cotarelo e começa a *Antologia de Poesia*, promovida pelo SEG para o centenário de Rosalia de Castro. Em 1936 sob heterónimo J. Acuña publica, *Agromar farsa pra rapaces*, dentro da produção de materiais escolares que ia abrir o Estatuto.
No início da Guerra Civil, afastado da Fronte Popular, representante de uma Direita anti-marxista e católica, situacionista e bem relacionado, põe-se a serviço dos golpistas. Vogal da Junta de Cultura, articulista de pseudónimo em *El Pueblo Gallego, membro da Comisión depuradora de Bibliotecas escolares*, com dupla linguagem e erudição transformará-se num "homem de perfil", num "estraperlista" da cultura.
En 1940 volta ao Liceu de Ponte Vedra e é nomeado Diretor do Museu que tinha fundado. Em janeiro de 1941, em sessão irregular, é investido académico da RAG e publicará *6 canciones de mar "in modo antico"*. Em 1942 é presidente da Comissão depuradora do magistério e edita o *Cancioneiro Musical de Galiza*, a partir das notas de Castro Sampedro.
Liquidados os líderes da resistência; ganha a guerra, purgada a ideia republicana, o franquismo necessitava integrar técnicos, intelectuais e políticos. Após Estalinegrado, acelera a lavagem de imagem. Diversas persoalidades do mundo da cultura e as artes retornam para Espanha, e outros; entre eles Castelão

Conselheiro de Cultura com apoio do 'piñeirismo' sendo decisivo na configuração 'da ortografia ILG dentro de uma estratégia 'não conflituosa'

enfermo – mediação Filgueira - são tentados sem êxito para retornar.
Em 1943 será promotor do Instituto Padre Sarmiento (CSIC). Presidente do Tribunal Provincial tutelar de menores, Diretor desde 1946 até 1976, do "modélico" Liceu de Ponte Vedra, em 1945 recebe a Cruz do mérito docente e a Cruz do Mérito naval pela reconstrução no Museu da câmara de Méndez Nuñez na Numância.
Em 1947 trabalha na Lei de Educação, em 1948 é Presidente da editora Bibliófilos gallegos.
Em 1951, com apoio dos USA Espanha entra na ONU e Manuel Fraga (ex-aluno dele) ocupa nas décadas a seguir diversos postos políticos. Galiza, a sua mitologia, história, paisagem, folclore e erudição jogariam um importante papel dentro desta construção do franquismo.
Relações, contatos, nepotismo, confusão entre o público e privado; professor ausente e bom padrinho, entre classes magistrais e substitutos soube rodear-se de auxiliares e discípulos. Colaborador no processo de "normalização" da cultura galega que se afasta do exílio e da trajetória prévia, negociador competente, será nomeado alcaide de Ponte Vedra (1959-1968) no período fundamental do "desarrollismo" e da conversão da Galiza em setor extrativo primário.
Procurador, defenderá os interesses da elite galega, e destacará como representante do regime, mesmo na Argentina (1964) e a Bretanha (1966). Em 1969, intervirá nas Cortes, com Antonio Rosón, pela introdução do galego na escola. Membro do *Comité para el estudio del Gallego en la Enseñanza*, colaborará com Ramon Piñeiro (1970-73) e na criação do Instituto da Língua Galega.
Em 1971, morre Sanchez Canton; em 1972, sendo presidente do tribunal, lograrà que Ricardo Carvalho Calero, homem de Galáxia, seja o primeiro Catedrático de Língua e Literatura Galega na USC.
Aposentado em 1976, em 1979 começará a publicação dos *Adrais*. Figura fundamental na Transição e no início do processo autonómico, é nomeado em 1982 Conselheiro de Cultura com apoio do "piñeirismo" sendo decisivo na configuração da cultura e da ortografia ILG dentro de uma estratégia "não conflituosa".
Fundado o Conselho da Cultura Galega (1983), receberá em 1984 a Medalha Castelao. Em 1986 deixa à direção do Museu, continua a dar palestras, algumas internacionais, publicando e recebendo honras até o seu passamento em 1996.

Decreto Filgueira, um filme para a história da nossa história contemporánea

EDUARDO SANCHES MARAGOTO

O documentário *Decreto Filgueira*, dirigido por Ozo Perozo, debruça-se sobre o intenso debate que se produziu entre os anos 1971 e 1982 em relaçom a qual devia ser a orientaçom gráfica do galego. O debate convertia-se em conflito aberto a partir desse ano, quando fôrom "oficializadas" as normas que, com pequenas reformas, chegárom até a atualidade tanto no ensino como na Administraçom. O processo está explicado de forma ágil e didática, podendo ser de grande ajuda para as pessoas interessadas na história da língua e para professores e professoras que desejem explicar aos seus alunos e alunas os motivos que nos levárom a entender o galego como hoje o concebemos, com todos os consensos e distensons com que chegou aos nossos dias. Ao mesmo tempo, o filme também nos aproxima de duas figuras controversas por motivos absolutamente opostos, Xosé Fernando Filgueira Valverde e Ricardo Carvalho Calero, ainda que através de um episódio do qual ambos foram protagonistas no início dos anos 80.

Antes de se focar nesse episódio, *Decreto Filgueira* dedica dois minutos a resumir a história do galego escrito com infografias da autoria de Nano Besada, que ajudam o espetador a situar-se no debate que irá ressurgir nos anos 70 sobre a orientaçom gráfica que devia seguir o galego, adotando a ortografia espanhola ou a portuguesa. Estas infografias reaparecem novamente entre as entrevistas realizadas a nove protagonistas ou especialistas nessa etapa histórica para contextualizar a década de 70 e ainda outra vez para introduzir a década de 80, ou mais concretamente os primeiros dous anos 80, o curto período em que se precipitárom os acontecimentos que levariam à promulgaçom da atual normativa oficial do galego, através de um decreto promovido polo ex-vice-presidente da Junta Xosé Luís Barreiro e assinado polo conselheiro de Cultura Filgueira Valverde e polo presidente da Junta Xerardo Fernández Albor. Este decreto, que logo se popularizou como "Decreto Filgueira" derrogou as primeiras normas oficiais e imediatamente anteriores redigidas por Carvalho Calero, que eram de orientaçom reintegracionista.

Ao longo do filme, para além dos desenhos infográficos, os diferentes entrevisados começam-nos explicando como nasce a Editora Galáxia, tam importante para a conformaçom da cultura galega tal como a entendemos na atualidade, e que papel tinham nesse mundo duas figuras que já foram muito relevantes no galeguismo de pré-guerra e que acabariam por ser fundamentais na Transiçom democrática: Filgueira Valverde e Carvalho Calero. A seguir relatam como ao longo dos anos 70 e assentes em debates filológicos anteriores surgem as duas posturas fundamentais no debate sobre o galego que chegam à atualidade: a isolacionista, primeiro, e a lusista, imediatamente depois, ambas como dissidência dos postulados da Real Academia Galega e da Editorial Galaxia. Entre ambas as posturas existiriam várias tentativas de consenso e umha delas, liderada por Carvalho Calero, deu numhas *Normas Ortográfica do Idioma Galego* publicadas em 1980. A grafia usada por estas normas era basicamente a castelhana, mas a ideologia era lusista e a orientaçom futura que propunha para a ortografia era reitegracionista. A última parte do documentário relata como estas normas acabárom por dar passo às atuais, depois de uns movimentos políticos nom isentos de controvérsia.

Embora editado de umha forma didática, o filme está pensado para público especializado, embora poda ser compreendido, no fundamental, por qualquer pessoa. De qualquer modo, a AGAL disponibilizou no site *http://agal-gz.org/mais/decretofilgueira/* diferente material didático para o visionado do filme, para além dos próprios textos normativos sobre os que se discute em formato digital. Este material, disponível em diferentes normativas, está ideado para ser acompanhado por alunos e alunas da ESO e Bacharelato com ajuda do professor.

O Decreto que pujo fim a um debate que umha Lei voltou a reabrir 32 anos mais tarde (1982-2014)

Durante os anos 70, quando já se adivinhavam os perfis da Democracia, o mais constante debate lingüístico galego de todos os tempos, o da orientaçom ortográfica, reaparece com força. Como alternativas ao modelo de Galaxia, cujos esforços se centravam em manter a chama de umha cultura própria suportável para o Franquismo, concretizam-se duas novas propostas antagónicas e ambas contárom com defensores de grande altura intelectual: a *isolacionista* e a lusista. Porém, chegados os anos 80, umha rápida sucessom de acontecimentos políticos acabaria por fazer com que a primeira dessas propostas se impugesse sobre a outra através das *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego* (ILG-RAG), oficializadas por decreto. Corria o ano 1982.

Mas nem estas fôrom as primeiras normas oficiais, nem contárom com o apoio de importantes setores da cultura galega, que debatia intensamente sobre qual havia de ser a orientaçom ortográfica do galego desde 1970, quando Carvalho Calero redigiu as primeiras *Normas Ortográficas do Idioma Galego* da Real Acadamia Galega, assumidas como próprias polo mundo de Galaxia. Em pouco tempo, no período de três anos, surgiriam as duas propostas dissidentes que acabariam por tornar-se irreconciliáveis. De um lado, a que hoje conhecemos por "autonomista" (ou *isolacionista*), aglutinada em torno do Instituto Galego da Língua, que entre 1971 e 1974 publicou os manuais *Gallego 1, 2 e 3*. Do outro, a que hoje conhecemos por "reintegracionista" (ou *lusista*), que depois de ser formulada por Rodrigues Lapa e Martinho Montero entre 1973 e 1974 se foi aglutinando em torno de Carvalho Calero, que foi assumindo posturas cada vez mais reintegracionistas à medida que avançava a década. Começados os anos 80, a Xunta oficializava umhas normas que pretendiam o consenso, ainda que partindo de umha ideologia convergente com o português. Estavam redigidas pola Comisión de Lingüística da Xunta que presidia Carvalho Calero. Porém, em 1982, umhas novas normas de ideologia oposta relegavam as do velho catedrático de Galego. Até a atualidade. O decreto que as oficializou, assinado por Filgueira Valverde, que fora membro da anterior Comisión de Lingüística da Xunta, deu origem a um dos lustros de maior tensom no debate normativo.

Valentim Fagim publica com a Através Editora *O galego (im)possível. Ainda mais*

“Escrevo para tornar evidente o que as instituições teimam em ocultar”

GERARDO RODRIGUES · www.pgl.gal

No ano 2001, Valentim Fagim publicou *O galego (im)possível*, um livro que logo se converteu em referência para uma geração de reintegracionistas. Quinze anos depois vê a luz *O galego (im)possível. Ainda mais*, revisão daquele marcador trabalho. O autor explica nesta entrevista o que mudou no livro... e o que mudou na Galiza neste tempo.

Foi necessário fazer muitas correções para adequar o livro ao presente? Achas que, apesar das emendas, resistiu bem a passagem do tempo?

Nesta edição tentei sobretudo tirar densidade a algumas partes. De facto, dois capítulos foram reescritos porque não me satisfaziam, não eram diretos. Outro dos focos foi atualizar informações que ficaram desfasadas. Quinze anos dão mais de si desde que existe a Internet.

O livro é atual porque os argumentários, quase sempre lugares comuns, descansam no possibilismo, essa doença de quem ninguém está a salvo seja no âmbito ambiental, de género, político ou qualquer outro. É aquela desculpa de "As cousas deviam ser assim, mas...". A vida social está cheia de "mas" que a tornam bem mais pobre.

Quais são as principais mudanças sociolinguísticas que se produziram no País?

O processo de substituição linguística está numa fase muito avançada e a ilusão da normalização linguística é cada vez mais evidente para as pessoas interessadas no avanço social da língua. Há cada vez mais meninos a gritarem que o rei está nu apesar dos esforços institucionais por tapá-lo de qualquer maneira. A transmissão intergeracional da língua, de facto, é quase impossível nas zonas mais dinâmicas e povoadas do país, quase todas as cidades com a exceção relativa de Compostela. Querer não chega porque poder não dá.

O reverso desta moeda é uma maior consciência de que a rota oficial leva a um desfiladeiro. Felizmente na estação há mais percursos e a rota internacional, o dito reintegracionismo, ganha cada vez mais viageiros, sobretudo como prática de consumo, não tanto prática escrita ou oral. Desenhos animados para/as crianças, textos traduzidos, sites de consulta, software ou legendagens noutros sabores da nossa língua vão ganhando usos entre galego-falantes, sobretudo *neos* mas não só. É a semente da esperança.

O Portal Galego da Língua (PGL.gal), o *Novas da Galiza*, locais sociais reintegracionistas, as escolas Semente... Realidades socializadoras em galego que não existiam em 2001!

A Internet é o grande germe normalizador do século XXI, bem como as redes sociais. Em 2015, os 99% dos contactos com o galego internacional são fruto de um clique.

Pense-se num lar com TV ou só com a Internet e as possibilidades que oferecem em termos de escolha e de interação linguística cada um deles.

De resto, sem menoscabo para os projetos que citas, todos imprescindíveis, o presente e, sobretudo o futuro, é a Semente. Ou somos capazes de multiplicar muitas vezes o projeto e que alcance todas as escalas educativas ou estaremos a remar contra a maré décadas e décadas até à exaustão. Cria músculo, é certo, mas é bem melhor criar maré ao nosso favor e flutuar. Flutuar tem mais piada.

Muitas pessoas reconhecem em *O galego (im)possível* um material fulcral para a sua passagem ao que tens denominado "lado escuro" da língua...

Eu escrevo para as pessoas curiosas, não para a minha barriga. Esta nova edição nasce precisamente dessa força que criaram em mim as pessoas que abandonaram os Jedi graças a *O galego (im)possível*. O lado escuro da força sempre oferece mais possibilidades. Em geral, tudo o que escrevim e escrevo é para tornar evidente o que as instituições teimam em ocultar: temos uma língua internacional em que podemos nadar. O castelhano é uma riqueza mas não tem que ser incontornável.

A bibliografia desta edição inclui 20 trabalhos produzidos nesta década e meia, dos quais 75% pertencem aos últimos cinco anos. Intensificou-se neste lustro o debate?

Houvo uma mudança importante, uma maior naturalização da escrita lusógrafa nos âmbitos galeguistas. Isto é evidente nos comentários de sites como o *Praza* ou o *Sermos*. Em geral, a ortografia portuguesa está a ganhar naturalidade.

O que também noto é uma vontade cada vez maior de saber. Locais sociais que pedem palestras ou as vendas da coleção Através da Língua, que soma 15 títulos, são alguns indícios. O debate público, sobretudo pola não comparecência de uma das partes, continua infelizmente ermo. Felizmente temos a Internet para o diálogo, que sempre pode acabar num encontro ao vivo e uma cerveja nas mãos.

O ano passado aprovou-se a Lei Paz-Andrade. Imaginavas, naquele já longínquo 2001, que um dia o Parlamento da Galiza aprovaria por unanimidade uma lei, nascida da sociedade civil, para a promoção do português na Galiza e o reforçamento dos vínculos com a Lusofonia?

Sou por natureza otimista e imagino, em menos de 7 anos, algum tipo de reconhecimento oficial do português na Galiza, num estatuto menor mas oficial.

A ILP conseguiu essencialmente elevar o patamar de debate. Deixa de ser só um debate nas margens para ganhar certa centralidade. O aspeto negativo é que é uma lei daquelas que o governo tolera mas não promove. Em 2015 nem 10% dos centros galegos de secundário têm alguma turma de português. Na Extremadura mais de 50%. Sendo que a língua portuguesa nasceu na Galiza e o que falamos é um eco desse facto histórico, podemos falar de uma "grande" gestão.

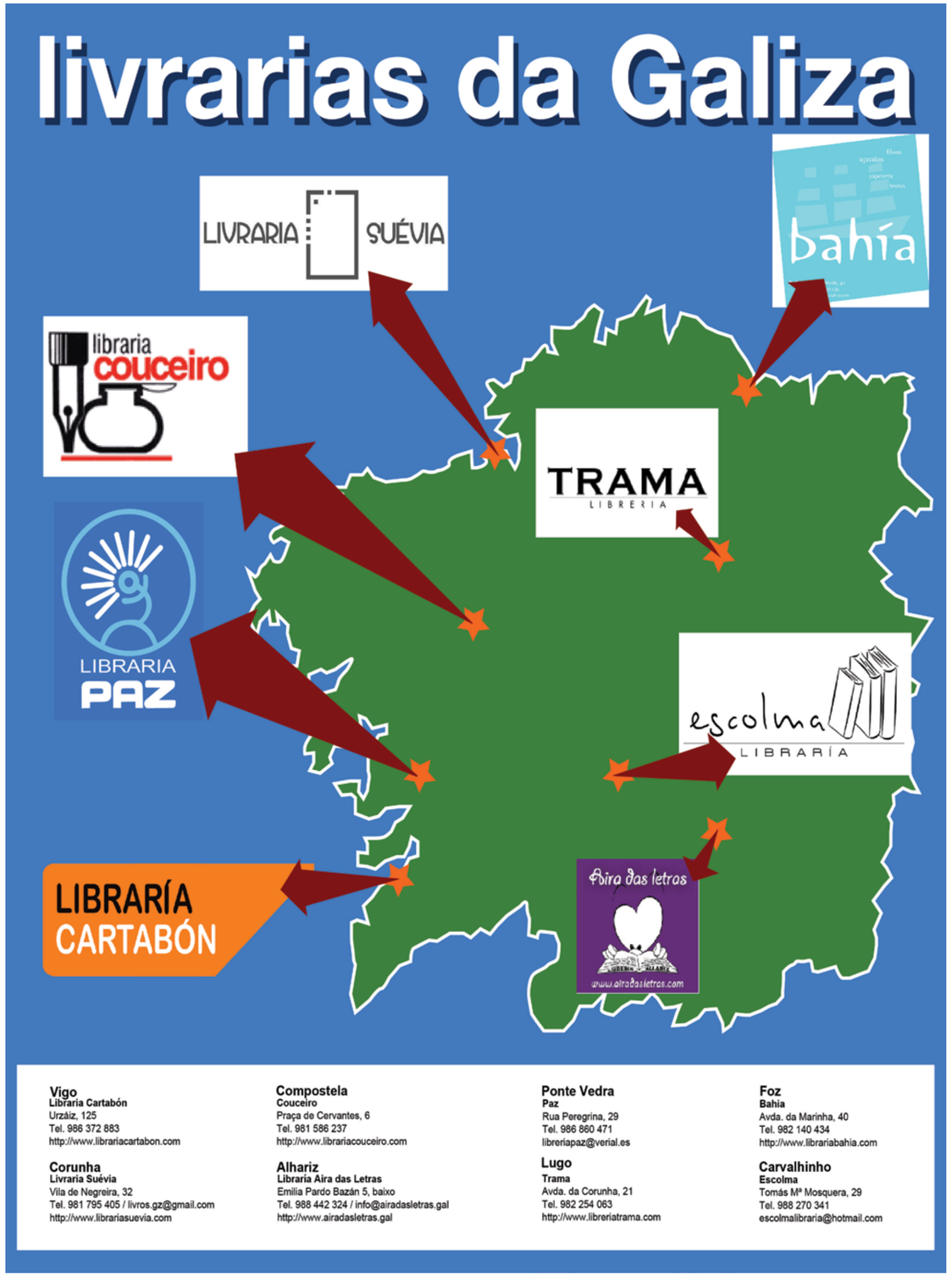
Nesta segunda edição comentas, sobre a dita Lei, que pode servir para contornar o debate normativo. É uma mudança de paradigma?

Três décadas de estratégia autonomista desvendaram dous factos importantes. O primeiro é que o galego ILG-RAG não se vai tornar galego-português. Está para ficar sendo o que é, um modelo de língua equidistante entre o castelhano e o português. Glotopoliticamente interessa que seja assim. Nem se quer nem interessa que isso mude.

O segundo é que o reintegracionismo, apesar de não gozar da bênção institucional e dos seus capitais, cresce na mesma e produz com qualidade como é caso dos projetos que citavas anteriormente.

Viram-se assim frustradas duas esperanças, que o galego ILG-RAG escorregasse para o português e que o reintegracionismo desaparecesse. Vãs esperanças.

Estes dous factos, se o que nos guiar a todos é o avanço social da língua da Galiza, obriga a parar a pensar. Devemos construir um ambiente onde ambas a estratégias somem; um novo consenso, portanto. Esta é tarefa das gerações mais novas. Incluo-me.



A geraçom das mil primaveras mais.

ESCOLAS DE ENSINO GALEGO SEMENTE

Conheces a Semente? Somos a iniciativa comunitária que está a criar centros de imersom linguística na Galiza, para garantir que as nossas crianças podam crescer na nossa língua.
As nossas crianças - já falem sempre em galego, mais em galego, mais em castelhano ou sempre em castelhano quando entram na Semente- vivem em galego nas nossas escolas, com umha planificaçom de imersom e de conservaçom do idioma que demonstra que é possível mudar a história: transformar.
Na Semente estamos a viver isso, sentimos a mudança social no dia a dia. Temos um projeto no qual cremos, confiamos e que nos demonstra que é possível o que antes só podíamos imaginar. Demos o passo e aqui estamos.
Si, com inseguridades, em precário, mas sentindo que, desde o movimento social de base, estamos a construir um caminho novo que partilhamos com muita muita gente que colabora e fai parte deste projeto coletivo, social, auto-gerido, popular.
É possível porque as Sementes crescem como um projeto de participaçom social no qual educadoras, mamás, papás, ativistas e gente colaboradora conseguimos criar um espaço de socializaçom e aprendizagem em galego ou português da Galiza. Um espaço que vai mais alá das nossas aulas e das nossas hortas. Um espaço que se constrói com vontade e trabalho coletivo.
Há uns meses repartíamos na manifestaçom pola defesa do idioma uns textos nos quais che contávamos como nos ia e onde compatilhávamos umha reflexom sobre a estratégia de normalizaçom que levamos adotando nos últimos 40 anos. Nós chegamos à conclusom de que é umha estratégia errada. Dizíamos:
"Nom tés certa sensaçom de dejà vu? Mais um ano a berrar na defesa do nosso idioma, demandando a sua presença na administraçom, nas televisons, na imprensa, em todo; votando nos partidos que defendem o seu uso, indignando-nos com as pessoas e instituiçons que nos discriminam por usá-lo e lendo nos meios digitais como desaparece. E chegam as eleiçons e sai a mesma gente. Ou nom, mas botam-nos ao pouco, e outra vez na mesma, cada vez mais frustrados e frustradas, mais inofensivos e inofensivas."
E instávamos-te a sair deste círculo vicioso, a nom ficares só no protesto nem na teima eleitoral e participar na criaçom e desenvolvimento de iniciativas comunitárias que normalizem o uso do galego.
A nossa chama-se Semente. Estamos a criar o nosso próprio modelo educativo: educamos na coeducaçom, na laicidade, na interaçom com a natureza, respeitando os ritmos das crianças, no assemblearismo, na justiça social e, portanto, em galego. Porque a Semente é um centro infantil de imersom lingüística, de 2 a 6 anos.
Começamos com 3 crianças há quatro anos. Há 5 meses, aquando a manifestaçom pola língua, tínhamos 22 alunas e alunos em Compostela. Hoje, depois do período de preinscriçom, abrimos a segunda escola em Compostela, onde temos 35 matrículas, e ainda abrimos umha escola em Vigo, com 8 crianças, e umha outra em Trasancos, com 7.
Somos 50 famílias, umha pinga de azeite num oceano, mas umha pinga que se está a fazer mais grande, da qual nos orgulhamos e pola que damos por bem empregados estes 4 anos de ativismo que conformárom umha escola de qualidade. Umha escola que cresce e melhora dia a dia.
Queremos pedir-che que colabores connosco, que nos ajudes a crescer em Compostela, a enraizar em Vigo e Trasancos, e a sementar e prender em todos os recantos da Galiza.
Neste 25 de julho, a Semente quer berrar polas mil primaveras mais para a nossa língua, e pola criaçom de iniciativas que construam um futuro para a geraçom das mil primaveras mais.
Queremos que cresças connosco.

Estamos a criar o nosso próprio modelo educativo: educamos na coeducaçom, na laicidade, na interaçom com a natureza, respeitando os ritmos das crianças, no assemblearismo, na justiça social e, portanto, em galego.

cresce connosco!

semente

Porque a Semente precisa autogestiom e participaçom e cresce com o apoio social.
Porque a Semente precisa gente que acredite na transformaçom social.
Porque podes esperar a que as cousas se solucionem sozinhas ou podes provocar a mudança.

Se estás na segunda opçom, apoia os centros de imersom linguística Semente:
Fai-te sóci@ da Semente Compostela, Semente Vigo ou Semente Trasancos.

e lembra...

ainda está aberto o praço de matrícula!

www.facebook.com/semente.trasancos
www.sementecompostela.com
www.sementevigo.com

Casa Lourán
MONFERO (EUME)
www.casalouran.com
981 195 478 - 636 198 847

Florinda Turismo Rural
CERDEDO (TERRA DE MONTES)
http://florindarural.blogspot.com
986 753 180 - 687 742 323

Casa da Laxa
BEARIZ (CARVALHINHO)
http://ir.gl/casa-da-laxa
988 270 876 - 617 326 281

Budiño de Serraseca
OIA (BAIXO MINHO)
www.budinho.com
986 361 856 - 696 045 326

Casa Lourán

Casas de turismo rural da Galiza

a florinda turismo rural

Budiño de Serraseca Turismo rural

NOVIDADES ATRAVÉS EDITORA

Livros que nom lê ninguém

Isaac Lourido oferece em Livros que nom lê ninguém. Poesia, movimentos sociais e antagonismo político na Galiza umhas sugestivas linhas de análise no estudo da poesia galega através das suas funçons como discurso social e cultural e tendo em conta a sua relevância histórica e o seu dinamismo atual.

O autor reflete primeiro sobre uns mapas teóricos: resistência cultural, elogio da extravagância, arte e subversom, experiência militante, contra a normalizaçom, os lugares da poesia, e crítica de poesia em espaços de conflito cultural para depois, em processos, práticas e trajetorias analisar a obra e receçom de autores como Lois Pereiro, Séchu Sende, Manolo Pipas ou fenómenos como Redes Escarlata e o Festival da Poesia do Condado.

Título: Livros que nom lê ninguém.
Poesia, movimentos sociais e antagonismo político na Galiza
Autor: Isaac Lourido
Data de impressão: outubro, 2014, 1a edição
Descrição: 16,5 x 23,5 cm
Encadernação: rústica
Coleção: Através das Ideias 4
ISBN: 987-84-87305-85-6
PVP. 12 € · **Através Clube:** (9,60€)

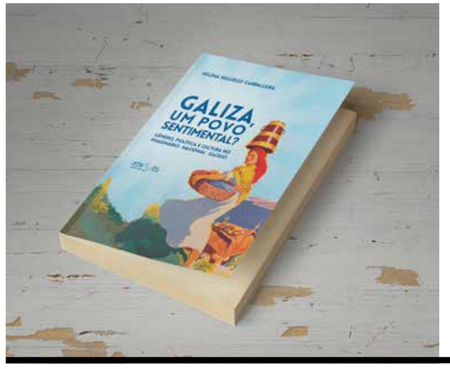
Título: O pequeno é grande.
Subtítulo: A agricultura familiar como alternativa: O caso galego
Autores: Xoán Carlos Carreira Pérez e Emilio V. Carral Vilariño
Data de impressom: novembro, 2014, 1ª ediçom
Descriçom: 278 páginas , 14 x 21 cm
Encadernaçom: Rústica
Coleçom: Através das Ideias, 5
ISBN: 978-84-87305-82-5
PVP Clube: 12 €
PVP Livrarias: 15 €

O Pequeno é grande.
A agricultura familiar como alternativa: O caso galego

O Pequeno é grande. A agricultura familiar como alternativa: O caso galego é um novo número da coleçom Através das Ideias centrado na importância da agricultura em pequena escala. Umha combinaçom de revisões bibliográficas, investigações e conclusões próprias dos autores, hipóteses e ideias prospetivas, que tenciona apresentar um conjunto de ideias e propostas para incentivar um debate necessário na nova fase que deverá começar para a agricultura galega.
Um ensaio que aspira, portanto, a ser um ponto de partida, nom de chegada. Os professores Xoán Carlos Carreira e Emilio Carral procuram respostas para as perguntas chave: Quem habita hoje o meio rural? Quais som os diferentes tipos de explorações agrárias galegas na atualidade? No século XXI, o minifúndio continua a ser um problema para o desenvolvimento agrário da Galiza ou, de alguma maneira, é umha agricultura de precisom, feita, isso sim, com base num enorme esforço? Até que ponto som certas as ideias em que se funda a consideraçom das pequenas explorações labregas familiares como marginais? Até que ponto podem ter um papel importante no novo paradigma da agricultura entendida nom só como produtora de alimentos mas também como fornecedora de serviços à sociedade?

Um conjunto de ideias e propostas para incentivar um debate necessário na nova fase que deverá começar para a agricultura galega.

Galiza, um povo sentimental?
Género, política e cultura no imaginário nacional galego de Helena Miguélez-Carballeira

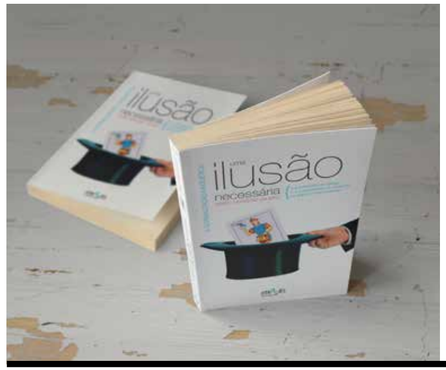


Título: Galiza, um povo sentimental?.
Subtítulo: Género, política e cultura no imaginário nacional galego
Título original: Galicia, a sentimental nation. Gender, Culture and politics.
Autora: Hélena Miguélez-Carballeira
Tradutor: Fernando Vasquez Corredoira
Descriçom: 296 páginas , 16,5 x 23,5 cm
Encadernaçom: Rústica
Coleçom: Através de Nós, 9
ISBN: 978-84-87305-86-3
PVP Clube: 14,40 €
PVP Livrarias: 18 €

Novo volume da coleçom Através de Nós que aborda como se construiu o mito da Galiza como um país sentimental e "feminino". Desde o século XIX a história cultural e política do país vem marcada por este tropo colonial, fundamento discursivo que veu a alimentar umha relaçom disfuncional entre a Galiza e o Estado Espanhol.
Ao longo deste livro, fruto do rigoroso trabalho de Helena Miguélez-Carballeira, encontraremos respostas a muitas perguntas que era preciso fazer-se: é a Galiza um povo sentimental? É possível construir uma história a partir da subalternidade? Pode uma língua ser "indecente"? Que origens reivindicar? Fica a crítica reintegracionista livre de toda culpa na "sentimentalizaçom" da imagem da Galiza?
Originalmente editado em inglês, a versom galego-portuguesa é um trabalho de Fernando Vasquez Corredoira. O resultado é a traduçom e adaptaçom de umha obra fundamental, que nos oferece umha necessária incursom no passado ainda presente da Galiza e nos seus mitos como também umha aposta valente para entender o complexo discursivo colonial a partir de umha perspectiva de género.

NOVIDADES ATRAVÉS EDITORA

A normalização linguística, uma ilusão necessária de Mário Herrero



Título: A normalização linguística, uma ilusão necessária
Autor: Mário Herrero
Data de impressom: junho, 2015, 1ª edição
Edita: Através Editora
Descriçom: 298 páginas, 21 x 14 cm
Encadernaçom: Brochado
Coleçom: Através da língua, 14
ISBN: 978-84-87305-92-4
Preço Clube: 12,80 €
Preço Livrarias: 16 €

Em 2011 Mário Herrero oferecia-nos Guerra de Grafias, Conflito de Elites, que repassava as políticas da língua que provocaram que a estratégia autonomista alcançasse o estatuto da oficialidade. Na segunda parte da sua pesquisa onde nos fala de uma ilusão necessária para nada mudar, a da normalização linguística. Assim o explica na contracapa do livro:
"A situação sociolinguística galega resulta do cruzamento de dous processos em aparência paradoxais: um antigo processo de substituição pelo castelhano das variedades galego-portuguesas faladas na Galiza, que se combina com um moderno processo de institucionalização de uma determinada norma do galego-português. Daí resulta um panorama em que a substituição das variedades faladas pode chegar a ficar simbolicamente oculta pela institucionalização de um código autorizado. Por outras palavras: na Galiza de hoje está em curso um terceiro processo, determinado ideologicamente, que estabelece a ocultação da substituição linguística através da propagação do discurso produzido pelas elites políticas que gerem o poder institucional e que se apoiam simbolicamente no saber gerado por setores das elites intelectuais e técnicas. Vivemos num mundo de ilusões. Tentemos desvendar alguma delas"

Palavras a Espártaco

Novo volume de poesia à coleção Através das Letras com este poemario de Vítor Vaqueiro. A discriminação ortográfica -denunciada polo próprio autor- que sofreu num certame literário recebeu a solidariedade de centos de pessoas na campanha Galego em Liberdade organizada desde o PGL. O poemário é editado agora pola Através.
Destacamos um trecho das palavras do autor apresentando o livro: "Foram a ira, a raiva, o desprezo, e, no limite, o desejo de vingança as peças principais deste conjunto de poemas.
O sofrimento e a exploração humanas são as mesmas por mais que troquem os nomes e passem os séculos. Todos os deserdados são contemporâneos nossos.
A escravatura tomou forma de desemprego, marginalização e despejos. Espártaco exibe a sua cólera nas nossas ruas.

Depois de vinte séculos, Espártaco continua entre nós, interpelando a quem deseje ouvir a sua proposta.

Título: Palavras a Espártaco
Autor: Vítor Vaqueiro
Data de impressão: Fevereiro, 2015, 1ª edição
Descrição: 88 páginas , 19 x 13 cm
Coleção: Através da Letras, 16
ISBN: 978-84-87305-89-4
Preço Clube: 8 €
Preço Livrarias: 10 €

A República das palavras de Sechu Sende

Título: A República das Palavras
Autor: Séchu Sende
Data de impressão: Abril, 2015, 1ª edição
Descrição: 164 páginas, 16,5 x 23,5 cm
Encadernação: Brochado
Coleção: Através das letras, 17
ISBN: 978-84-87305-91-7
Preço Clube: 10,40 €
Preço Livrarias: 13 €

A República das Palavras é o segundo volume de Séchu Sende na Através. Neste caso o autor de Animais apresenta-nos um conjunto de relatos que são a continuação do anterior Made in Galiza. Umas histórias breves das quais podes ter uma perspetiva mais alargada com a leitura da entrevista publicada no Praza Pública neste fim de semana: "O que falamos, o que escrevemos, é transformador: as palavras podem mudar o mundo"

Da contracapa do livro:

Este é um livro Made in Galiza
de última geração: com NHs
e novas perspetivas sobre as pessoas e o mundo.
Se tes este livro na mão, dissimula.
Podes fazer parte dos milhares de pessoas
que estão a organizar as palavras
para mudar o mundo.
Alegria, peixe voador,
humor, Quero-te, spray,
imaginação, corvos faladores,
criatividade, rebeldia, mulheres…
Dissimula, não levantes os olhos
do livro, podem estar a vigiar-te.

Viaja polo teu interior.
E não fagas caso da gente que diz
que as palavras não mudam o mundo.
Porque sabes que as palavras mudam as pessoas.

UM ANO CHEIO DE ACTIVIDADE

Vida social Agálica

Um ano logo passa, e som muitas as actividades que desenvolvemos desde a associaçom e das que tendes sempre cumprida informaçom no PGL e agora também através dos Facebook e do Twitter.

LEGUMIA S.COOP.GALEGA
Produtos do campo a granel

Algália de riba, 42
15704 Santiago de Compostela
981 58 82 73

legumiascg

Legumes de proximidade, espécias, desidratados, farinhas galegas artesãs, froitos secos, muesli e produtos ecológicos galegos

O Roupeiro do Tatán
MODA ÉTICA

Santo Domingo, 4 (Praza do Ferro)
32003 · Ourense
988 374 986 · etic@novestir.es
www.facebook.com/oroupeirodotatan

Mosaico de gémeos realizado no dia das letras deste ano

Lançamento do livro de Helena Miguélez-Carballeira "Galiza, um povo sentimental?" na Gentalha do Pichelw

Agálicos e agálicas brindando numa das celebrações mais lindas do passado ano

Presidente e vogal da AGAL elegantemente vestidos na celebraçom anterior ;)

Estraviz, em Ourense, recebendo o prémio 'Brais Pinto' da AC Auriense

Título: Lembranças da Terra & outras histórias de um futuro possível.
Autor: Ângelo Brea
Data de impressom: Dezembro, 2014, 1ª ediçom
Descriçom: 316 páginas , 21 x 14 cm
Encadernaçom: Rústica
Coleçom:
Através das letras, 15
ISBN: 978-84-87305-87-0
PVP Clube: 12 €
PVP Livrarias: 15 €

Lembranças da Terra
& outras histórias de um futuro possível de Ângelo Brea

Existem temas na ficção científica que sempre estão a merecer uma revisita, uma nova abordagem.

Nesta nova proposta da Através das letras regressamos à literatura por meio de Lembranças da Terra & outras histórias de um futuro possível. São 14 relatos de ficção científica da autoria de Ângelo Brea e apresentados por Paulo Soriano, especialista brasileiro do género.

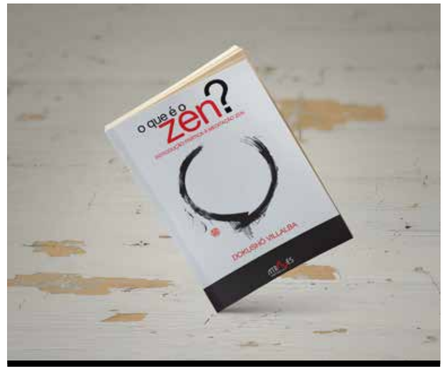
Em suas palavras:
"Existem temas na ficção científica que sempre estão a merecer uma revisita, uma nova abordagem. Quem não se delicia com narrativas sobre explorações extraplanetárias, civilizações alienígenas, guerras interplanetárias, viagens no tempo, robôs?

Revisitar temas clássicos, longe de indicar ausência de originalidade, revela-a profundamente, já que se traduz num imenso desafio ao poder criativo do escritor, à sua destreza em abordar, sob um ângulo diferente, os motes tradicionais. E aqui Ângelo Brea se sai muito bem"

Que é o Zen?

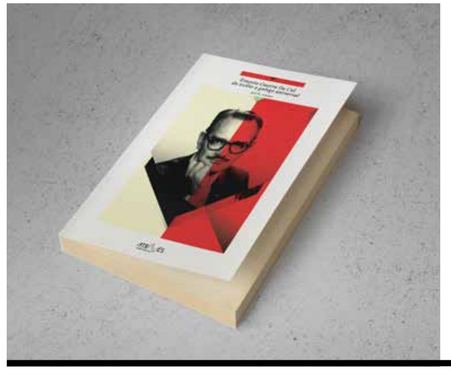
O Zen não é uma religião tal como normalmente se entende, mas um estar desperto no mundo. O Zen não é uma crença, mas uma experiência que se acha mais além do pensamento. O Zen não é uma filosofia dogmática à qual aderirmos. A prática da meditação situa-nos no coração mesmo da natureza e da nossa natureza como seres humanos, e neste nosso coração humano, a meditação zen ajuda-nos a entrar e permanecer em contacto com a nossa inocência original.

A presente obra não é um manual zen, não é um livro de receitas, não está feito com essa intenção. A sua pretensão é a de familiarizar o leitor com o mundo do Zen e despertar nele reflexões importantes a propósito da sua vida quotidiana. As explicações práticas podem ajudar aqueles que já praticam num dojo, ou em solitário, bem como aproximar à prática da meditação aquelas pessoas que, ora por desconhecimento, ora por indezisão, ainda não o fizeram.



Título: O que é o Zen?
Autor: Dokushô Villalba
Data de impressão: Março 2015, 1ª edição
Descrição: 133 páginas, 15,2 x 21 cm
Encadernação: Brochado
Coleção: Através das Ideias
ISBN: 978-84-87305-80-1
PVP. 12 €

Ernesto Guerra Da Cal, do exílio a galego universal de Joel R. Gômez



Título: Ernesto Guerra Da Cal, do exílio a galego universal
Autor. Joel R. Gômez
Data de impressão: Março, 2015, 1ª edição
Descrição: 400 páginas, 16,5 x 23,5 cm
Encadernação: Brochado
Coleção: Através de Nós, 10
ISBN: 978-84-87305-90-0
Preço Clube: 16 €
Preço Livrarias: 20 €

Injusta mas não inexplicavelmente esquecida, a figura de Guerra Da Cal constituiu um dos grandes vultos da cultura galega contemporânea na diáspora. Exilado aos Estados Unidos após a Guerra de Espanha, Guerra da Cal chegou a ser o grande especialista mundial na obra de Eça de Queiroz, em particular desde o seu trabalho em diferentes universidades americanas.
Repetidamente reconhecido como escritor e pesquisador nos Estados Unidos, Brasil e Portugal, peça-chave na redação dos Seis poemas galegos de Federico García Lorca, amigo de Castelao e Otero Pedrayo e conhecedor de Buñuel, Neruda ou Juan Ramón Jiménez, Guerra Da Cal é também uma figura a reivindicar pelo movimento reintegracionista, ao se ter posicionado sempre em favor do mesmo e contribuído a espalhar as suas teses pela própria Lusofonia.

Guerra da Cal chegou a ser o grande especialista mundial na obra de Eça de Queiroz.

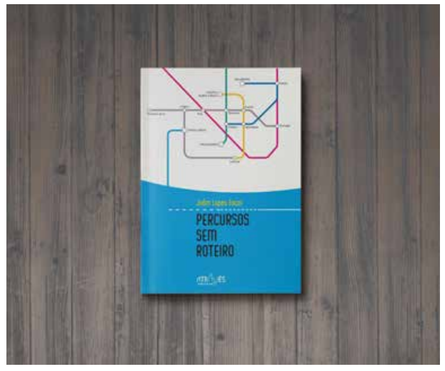
O galego (im)possível. Aínda mais de Valentim Fagim

Título: O galego (im)possível. Ainda mais.
Autor. Valentim Fagim
Data de impressão: julho, 2015, 2ª edição (1ª na Através)
Descrição: 340 páginas, 21 x 14 cm
Encadernação: Brochado
Coleção: Através da língua, 15
ISBN: 978-84-87305-94-8
Preço Clube: 13,60 €
Preço Livrarias: 17 €

A língua da Galiza sofre um processo avançado de substituição linguística e formal em favor do castelhano. Entre aquelas pessoas e coletivos que desejam parar e reverter este processo há duas estratégias. O autor deste livro promove uma delas, que assenta numa língua compartilhada com outras sociedades, entre outras a brasileira, a portuguesa e a angolana. Com esta perspetiva o autor analisa a outra estratégia, uma língua isolada dessas mesmas sociedades e ligada necessariamente ao mundo em castelhano, portanto à língua que a está a substituir.

O galego (im)possível analisa os principais argumentos e sobretudo lugares comuns que justificam o galego autonómico oferecendo outra forma de ver e viver a língua da Galiza.

O autor analisa a outra estratégia, uma lingua isolada e ligada ao mundo em castelhano.



Percursos sem roteiro

Percursos sem roteiro recolhe as reflexons e os saberes de Joám Lopes Facal, um autor que impregna os seus textos da maturidade de quem já viveu muitos frentes de batalha e de paz. O prólogo começa assim:
"Percursos sem roteiro, ao acaso, onde os passos nos levarem é o título que agrupa este maço de artigos que agora se graduam em dignidade de livro. Umha mancheia de textos avulsos, ordenados agora, filhos naturais e recentes do autor, serôdios portanto no seu ciclo vital. A motivaçom dos percursos empreendidos vem da vontade circunstancial de falar em voz alta que às vezes acomete qualquer um de nós, e desse fundo de experiências que a memória guarda e, talvez por cima de todo, das leituras apressadas ou demoradas que vamos sorvendo aos golos guiado polo gosto e o interesse"

Percursos sem roteiro divide-se em vários capítulos com as seguintes temáticas: Galaicidades, Escrito sobre a água, Longa língua e Incursons.

Título: Percursos sem roteiro
Autor. Joám Lopes Facal
Descriçom: 216 pág, 21 x 14 cm
Encadernaçom: Brochado
Coleçom: Através das ideias, 7
ISBN: 978-84-87305-93-1
Preço Clube: 10,40 €
Preço Livrarias: 13 €

Quem fala a minha língua? Vol 2

Título: Quem fala a minha língua? vol. 2
Autores: Robert Neal Baxter (coord.), Dominique Huck, Aitor Carrera, Tadhg Ó hIfearnáin, Lars S. Vikør, Philippe Mouraux e Robert D. King.
Data de impressão: Janeiro, 2015, 1ª edição
Descrição: 206 páginas , 21 x 14 cm
Encadernação: Brochado
Coleção: Através da Língua, 13
ISBN: 978-84-87305-88-7
Preço Clube: 10,40 €
Preço Livrarias: 13 €

Quem fala a minha língua? vol. 2, coordenado por Robert Neal Baxter, da Universidade de Vigo, é a segunda obra que publica Através ao respeito das identidades das línguas. Na introdução deste segundo volume podemos ler em palavras do seu coordenador:
Os artigos reunidos neste livro analisam uma série de exemplos concretos onde fica patente a plasticidade da denominação das línguas e a sua codificação, ora tendente para a unidade, ora para a divisão, oferecendo umas reflexões que podem servir, se calhar, para nutrirem o debate arredor do galego-português".

Os conteúdos do volume são:

Robert Neal Baxter. Plasticidade linguística versus motivação ideológica na definição e codificação das línguas: de dialeto a língua e vice-versa
Dominique Huck. O alsaciano: alguns apontamentos sobre a sua escrita e a relação com o alemão padrão.
Aitor Carrera. O occitano do Val d'Aran: uma aproximação sociolinguística.
Tadhg Ó hIfearnáin. A proximidade linguística e o desenvolvimento do manês.
Lars S. Vikør. O norueguês: Bokmål vs. Nynorsk
Philippe Mouraux. Que norma para a língua regional da Lorena germanófona? Entre tradição linguística, "renascentismo" étnico e pragmatismo
Robert D. King. Digrafia, Religião, e conflito étnico: O caso do Hindi e do Urdu.

no mais íntimo, reintegrata

o enxoval

as toalhas fan parte do nosso enxoval, essas peças bordadas, ornadas, rendilhadas que transformarão qualquer espaço que vivamos num lar, num ninho privado. são elas que que dão bilhete de identidade aos muros, aos pavimentos, aos azulejos que nos acolhem. são as toalhas que exploram costas, são as toalhas que percorrem coxas, são as toalhas que visitam virilhas de salão assomado. no nosso mais íntimo. é a toalha o vínculo entre o âmago e a cortiça. o fio tramado que nos leva ao mundo limpas, suaves e enxugadas. como a língua! o material com que construímos os afetos. o prazer.

na feira

o recurdo da viagem é dúbio. lembro só chuva, muita chuva. no assento traseiro do renault 8 ainda colhíamos as cinco crianças, sentadas como xoubinhas, uma para adiante, outra para trás. lembro o enfado do meu pão, a sua caluga franzida e a voz a maldizer o dia e a hora em que alguém propus ir à feira de valença, que lá as toalhas sim eram boas-bonitasbaratas. picáramos por duas vezes as rodas: uma em moranha, outra após vigo. agora era chuva e era alfândega e era 12 de outubro. o piquenique virara impossível no atoramento de guardinhas e guarda-civis. não chegamos a valença. demos volta após três horas como encharcadas xoubas na fileira de galegas atoalhadas. e nunca ninguém, nos anos que seguiram, ousou propor outra viagem à feira de valença. para quê os trabalhos. frustrada e desértica travessia à língua portuguesa de tantas galegas, rendidas no primeiro furo de pneu (que pneu nem que pneu, roda!).

toalhas de todas as cores e flores

quando estudantas vivíamos no burgo das nações. tínhamos um companheiro que concentrava, como diana, todas as nossas sentidos, pois não quadrava a sua fasquia com os seus declarados gostos! maldição, um incoerente!
– josé, como pode ser que vistas sempre com floradas camisas e hawaianas, escutando a música que escuitas? –ousamos perguntar (provocar!) um dia.
a resposta calou-nos a boca, nascera-nos nela um sorriso de rebentada tenrura e fez-nos questionar este moralizante mundo dos preconceitos que nos envolve, como roupão protetor:
– vós não percebeis. o heavy, leva-se no coração.

o heavy leva-se no coração

e o reitegracionismo também. quantas de vós não sodes, no fundo, reintegratas? quantas de vós não levades o -s final no coraçom? quantas de vós não gozades no íntimo essa algodoosa toalha a recorrer as virilhas? quantas não sorrides de rebentada tenrura ao verdes um nn riscado num muro, um ç cedilhado a bordar uma sentença? porém, quantas de vós não vos destes por vencidas na primeira viagem porque picastes uma roda, porque temestes as consequências de cruzar a alfândega, porque vos amedou, inibidas, o que-dirão, porque não estavades preparadas para a chuva, para a calor, para a eterna espera do momento adequado? quantas não vestides hawaianas sentindo um urro roqueiro atorado na gorxa, cravada espinha?

e no íntimo, reintegrata

se formiga nas vossas dedas a dança do galego internacional, se cantais no duche sambas, mornas e alalás, se esfregais humidades recitando de cor mais saudade malo, se secais o cabelo acompanhadas da galinha pintadinha, se sentides alívio auricular escuitando o falar das crianças de vila-nova da cerveira, se a língua vos foge da boca por conhecer mundo,
são horas de sairdes do roupeiro, largar o moralizante roupão protetor e gozar, no público e no píbico, do reintegracionismo.

benvindas ao prazer!

Susana Sánchez Arins

Eleições ao Conselho da AGAL a 24 de outubro

As candidaturas serám apresentadas entre os dias 9 e 14 de outubro

Por acordo do Conselho da AGAL, convoca-se a Assembleia Extraordinária para a eleiçom do Conselho da Associaçom Galega da Língua. Terá lugar no sábado do dia 24 de outubro de 2015, às 11h em primeira convocatória ou às 11h30 em segunda. O local da assembleia será, em princípio, o Museu do Povo Galego, em Santiago de Compostela.
De conformidade ao artigo 16 do regulamento interno e ao artigo 18 dos estatutos, a candidatura ou candidaturas devem estar formadas por um mínimo de sete associados/associadas com um mínimo de um ano de antigüidade na AGAL e ao dia no pagamento das quotas. Se da candidatura decair algumha pessoa, continua sendo válida sempre que contar o mínimo de sete associados/as.

As candidaturas serám apresentadas à Presidência da AGAL, entre quinze e dez dias antes do dia da assembleia, quer dizer, entre os dias 9 e 14 de outubro, ambos inclusive. Para isso, basta endereçar umha mensagem eletrónica para presidencia[arroba]agal-gz.org com o assunto "Candidatura 2015.
A Presidência porá em conhecimento público dos associados e associadas a candidatura ou candidaturas apresentadas. As diferentes candidaturas poderám utilizar os recursos informáticos da associaçom para a divulgaçom do seu programa, petiçom que será realizada também à Presidência.
A assembleia extraordinária eletiva desenvolve-se de conformidade ao artigo 17 do regulamento, e a delegaçom de voto na mesma regula-se de conformidade ao artigo 22.

O Conselho da AGAL reunido em Casa Florinda, no retiro de planificaçom 2014-15

consumo ecológico na Galiza

A Veiga do Palheiro, agricultura artesanal sem químicos
Postemirom (VILA BOA)
Tel.: 645 464 700
http://www.facebook.com/aveigadopalheiro.postemirom

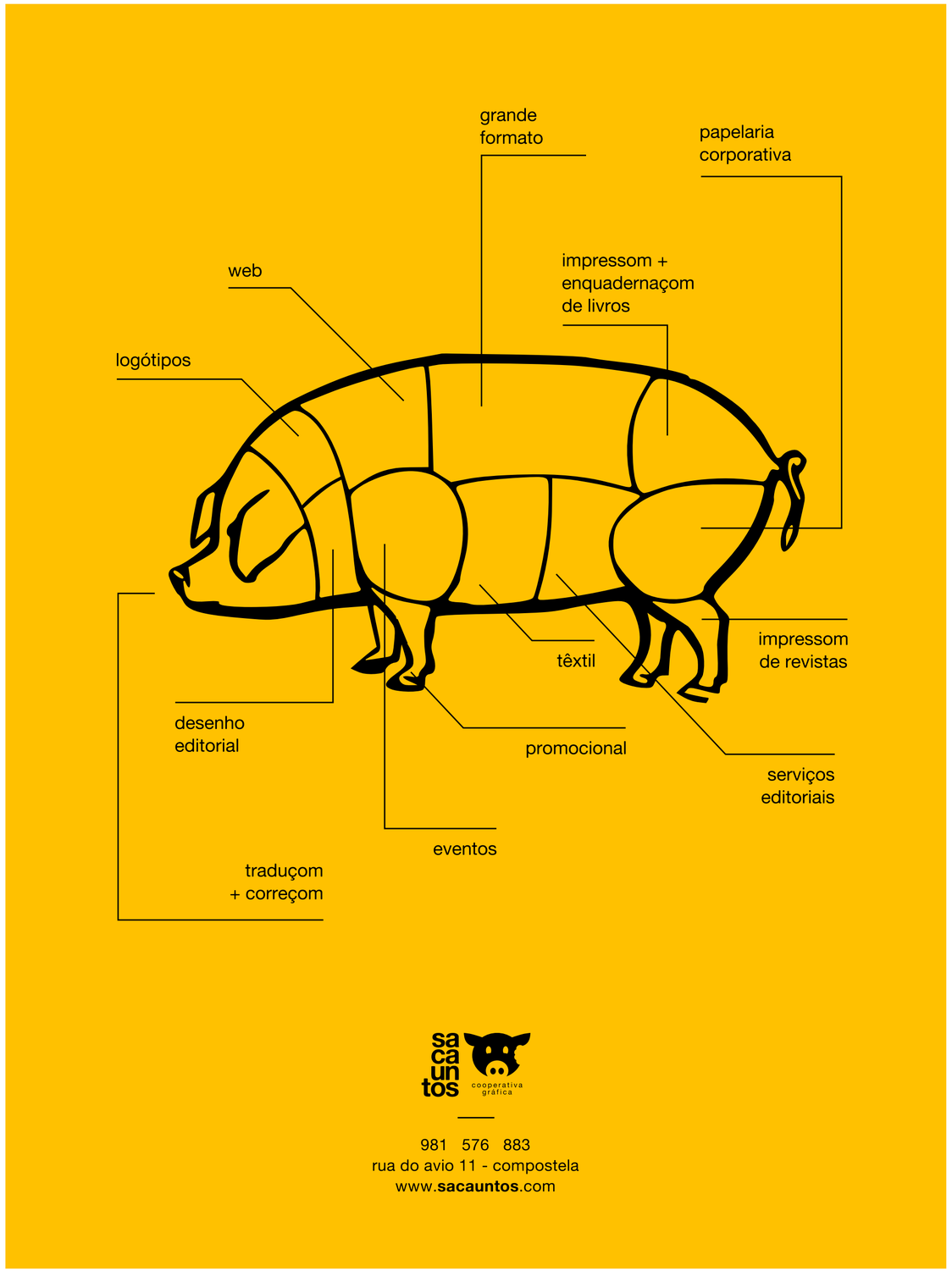
Carabuñas
VILAR DE SANTOS
Tel.: 672 014 380
http://www.carabunhas.com | carabunhas@gmail.com

O Forno das Candeas, produtos elaborados com farinha de castanha
Golmar (LARACHA)
661840674 | 639263231
http://http://fornodascandeas.narede.gl/ | http://www.facebook.com/Fornodascandeas

A maré da música lusófona

NOEMÍ PINHEIRA · IRENE VEIGA

"Cantos na maré, sons da nossa fala, cantos na maré, são cantos e mais nada..."
Assim começava o primeiro concerto do festival da Lusofonia "Cantos na maré" (Ponte Vedra, 2003), promovido pola Uxía Senlle. Já no ano 2000, no seu disco "Danza das areas" recuperara, em certo modo, a ideia da colaboração musical galego-portuguesa de que tanto gostava o Zeca, o qual manteve estreitas relações musicais e de amizade com músicos galegos, como o Benedicto. O Zeca sentia a Galiza como uma pátria espiritual (por suas próprias palavras), mesmo foi nesta terra onde estreou o "Grândola, vila morena" ao vivo.
É evidente que a Uxia percebeu a utilidade que como artista lhe podia dar a Lusofonia e o seu rico e variado universo cultural, com diferentes sotaques em distintos continentes e mais de 250 milhões de utentes. E uma vez experimentada essa sensação, já não parou. E foi assim que a música lusófona (letras, ritmos, estilos, intérpretes...) começou a chegar à Galiza, com o "Cantos na maré" a exercer de montra de luxo. Assim passaram por Ponte Vedra artistas da categoria do Chico César, Dulce Pontes, Rui Veloso, Filipa Pais, Manecas Costa, Lenine, António Zambujo, Socorro Lira, Aline Frazão... E uma vez chegada a vaga lusófona do Atlântico, a música galega deixou-se alagar.
Na Galiza, como quase sempre, onde não chega o discurso político, linguístico, sociológico ou simplesmente lógico, chega a emoção; e depois (com sorte) o processo continua a se desenvolver naturalmente, se demonstrar ser útil. E começaram por toda a parte as colaborações musicais galaico-lusófonas, misturando os sentimentos produtivos que tão bem sabemos gerir, se se derem as circunstâncias propícias. E no nosso país, na década de 2000, as circunstâncias foram mesmo boas: dinheiro público, movimentação cívica, locais sociais, festivais em auge, cultura a circular... É neste contexto que muitas/os artistas locais se abriram aos novos horizontes atlânticos unidos pola mesma fala: o Narf com o Manecas Costa, a Ugia Pedreira com o Fred Martins, a Uxía Senlle com o João Afonso e o Sérgio Tannus (entre muitas e muitos outras/os); o Xoán Curiel e a Najla Shami também com o Tannus, etc, etc.
A continuar o rumo traçado polo "Cantos na maré", embora de jeito mais modesto, nasceram em diferentes pontos do país eventos e iniciativas como o "Émundial", o "Estou lá", o "Corasons" ou o "Português perto". Cada um deles com diferentes objetivos e personalidades, mas todos unidos na vinculação lusófona. Em concreto, o "Português Perto", organizado em Ourense, no câmpus da Universidade de Vigo, vai pola sua 5ª edição, tendo já projetada a de 2016 e boa parte das associações musicais antes mencionadas já têm passado polo seu palco.
Especial menção merece também o projeto "Corasons", esplêndido exemplo de produto artístico-sentimental, com um maravilhoso espetáculo de imagem e som articulado em torno à temática das fotografias da portuguesa Isabel Leal: canções com coração. Neste projeto têm participado, entre outras/os: Luanda Cozetti, Norton Daiello, António Zambujo, Sérgio Tannus, Magín Blanco, Rui David, Belén Cid, Najla Shami, Serginho Sales, Pablo Vidal...
Durante estes anos, e mesmo antes, temos autores e grupos que dum modo ou doutro têm desenvolvido ou desenvolvem ainda uma obra (mais ou menos) lusófona; entre eles podemos citar o Carlos Núñez, Servando Barreiro, Maria do Ceo, Carlos Valcárcel, Alberto Mvundi, Quim Farinha, os grupos "Leixaprém", "A matraca perversa", "Chouteira", "Marful" (nestes três últimos é salientável a participação da Ugia Pedreira), "Os nen@s da revolta", "A Bagunda Folk", Skárnio", "Projeto Mourente", "A banda de Poi", "Loretta Martin", "Lamatumbá", "Os meninos cantores", "Terra Morena", "Projeto Sapoconcho", "Clave de Fado", "Malvela", "Maria Fumaça", "Caxade"... Também é remarcável a presença de conteúdos lusófonos no programa da Rádio Galega "Tres peixes voando". Para além disto, podemos mencionar o interessante labor da "Central Folque" no âmbito da música tradicional ou a constante oferta lusófona no Festival da Poesia do Condado, com 28 edições às suas costas.
"Estamos lá, na in-consciência coletiva que nos une, nas canções de embalar que nos arrastam até praias quentinhas e acolhedoras, nas vozes das nossas avós que ainda têm na memória palavras que estão lá, nos sons que oferecem as cantoras e cantores de cá, de lá, de tão perto, de muito longe... Às vezes, estamos lá, mesmo sem querer estarmos e é quando reparamos em que estamos cá também, onde nasceu a língua". Assim é que começou o festival "Estou Lá", em Ourense, no ano 2012. A relação musical entre a Galiza e o resto da Lusofonia é um caminho aberto que ainda está a começar.



Sabemos mais do que nos dizem a respeito da nossa língua?

VALENTIM FAGIM

Na Galiza, sobretudo em certos âmbitos, a língua desperta grandes paixões. A causa principal talvez seja que todas falamos e tenhamos algo que dizer ao respeito. Por se não bastasse, está a ligação das línguas com a identidade e ainda mais no tempo histórico em que nos tocou viver onde língua e nação são muitas vezes o mesmo, o que nem sempre foi assim.

Meio a brincar, meio a sério, elaboramos para ti o teste a seguir. Tem como objetivo conheceres o grau de profundidade das tuas ideias e reflexões sobre as línguas em geral e sobre a nossa em particular. Partimos da base que parte da informação que nos transmitem socialmente ao respeito é distorcida, quer tenha sido a escola, a nossa família, os meios de comunicação social ou o estado. Esperamos que achedes interessante.

1- Uma língua...

a- É como um ser vivo.
b- É só uma ferramenta para comunicar.
c- É uma realidade social, com maiores ou menores consensos e usos.

2- Quem é o/a especialista que melhor pode discernir se duas línguas são a mesma ou diferentes?

a- Filólogo/a.
b- Político/a.
c- Sociólogo/a.

3- Temos algumas dificuldades em entender oralmente a variedade de Portugal porque...

a- Não a ouvimos quase nunca e não a conhecemos.
b- Porque é uma língua muito diferente da galega.
c- Porque objetivamente é difícil de entender.

4- Usar a ortografia do castelhano ou do português para os textos galegos é uma questão...

a- Estética, portanto subjetiva.
b- Estratégica, portanto política.
c- Filológica, portanto científica.

5- Cada nação...

a- Deve ter uma língua só para si.
b- Pode ter uma língua para si ou compartilhada.
c- Deve ter uma língua elaborada polo povo.

6- Em finais da Idade Média aconteceu um facto vital para a história da língua.

a- A população galega decidiu falar uma língua separada da de Portugal.
b- A população portuguesa decidiu distanciar-se da galego por meio da língua.
c- As elites galegas passaram a falar gradualmente em castelhano.

7- A respeito do português, o galeguismo clássico julgava que devia ser um espaço...

a- do qual se afastar.
b- onde se integrar.
c- que observar de certa distância.

8- Em contraste com outras línguas sem estado, a maioria dos galegos têm, a 2015, o galego como língua materna. A que é devido isto?

a- A nossa unidade indissolúvel com a língua portuguesa.
b- A resistência silenciosa mas ativa do povo galego frente ao invasor.
c- O nosso caráter periférico: a "modernidade" chegou mais tarde a Galiza.

9- Os/as galegos/as dizemos ordenador, boligrafo e bombilla e não computador, caneta e lâmpada...

a- Por acaso, podia ter sido de qualquer uma das duas formas.
b- Por evolução interna e natural tinha que ser assim.
c- Porque em castelhano dizem ordenador, bolígrafo e bombilla.

10- A respeito da norma e da normalização...

a- O mais importante é normalizar e atingido isto, abrir debates sobre a norma.
b- Cada norma exige uma estratégia diferente para normalizar.
c- Mudar de norma cada década ajuda na normalização.

Chave de respostas
1C, 2C, 3A, 4B, 5B, 6C, 7B, 8C, 9C, 10B

MaOs
Innovación Social, S.Coop.Galega
Formación e Asesoramento
Investigación e Intervención
Comunicación e Produción de Contidos
Dinamización Territorial
www.maos.gal
maos@maos.gal
Tlf 1. 694 474 166
Tlf 2. 694 401 505
facebook.com/MaOsInnovacion
@MaOsInnovacion

REVIRAVOLTA DESIGN

WWW.REVIRAVOLTADESIGN.GAL
INFO@REVIRAVOLTADESIGN.COM
+34 617 436 337

DATOS PERSOAIS

NOME: _____
APELIDOS: _____
NIF: _____
TELÉFONO DE CONTACTO _____
ENDEREZO: _____
CONCELLO: _____
CÓDIGO POSTAL E PAÍS: _____
ENDEREZO E-MAIL: _____
NÚMERO DE CONTA:* _____
TÍTULAR: _____
*Quen asina autoriza á entidade bancaria sinalada a descontarlle a cantidade referenciada en concepto de subscrición

TIPO DE SUBSCRICIÓN E PREZO

○ ANUAL (155 euros)
○ SEMESTRAL (80 euros)
○ TRIMESTRAL (41,5 euros)

Facilidades no pagamento. Podes flexibilizar o pago se o desexas. Ponte en contacto con nós en xerencia@sermosgaliza.com. Podes preencher o formulario electrónico en sermosgaliza.gal ou, se o prefires, enviar esta folla cuberta quer por mail quer por correo postal a: Sermos Galiza, Avenida de Lugo, 2-A; entresollado A. C.P. 15702 - Santiago de Compostela. Teléfono: 981 51 91 02

A de de 20 SINATURA

"Se as abellas se extinguisen, a humanidade non duraría máis de catro anos".
Albert Einstein

SERMOS GALIZA

PROTECCIÓN DE DATOS
En cumprimento do estabelecido na Lei Orgánica 15/1999, do 13 de decembro, de Protección de Datos de Carácter Persoal informamos que, preenchendo este formulario, os seus datos quedarán incorporados e serán tratados nos ficheiros de Sermos Galiza S.A. Así mesmo, as persoas interesadas poderán solicitar a modificación ou cancelación dos mesmos enviando un correo electrónico a: xerencia@sermosgaliza.com.

#porminnonvaiquedar

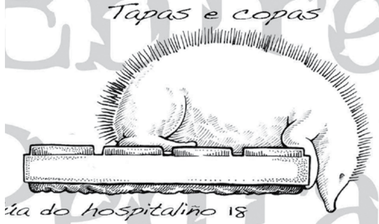
A espalhar palavras desde 2009 :)

tradutor
andrés taboada casteleiro

Tradução, Revisão, Legendagem, Transcrição, Áudio-descrição....em ES, PT e GL

www.traditaboadacasteleiro.com |

EntrePedras
Tapas e copas



ita do hospitalino 18
100% Vexetariano

Cestola na Cachola
s.coop.galega

::Pintura.
::Muralismo.
::Ilustración.
::Moda ética.
::Formación e asesoramento no eido das cooperativas e da economía social e solidaria.

www.cestolanacachola.org

SILVEIRA
casa de xantar tlf.: 627207361

OPINIOM

Olá, novo consenso

praza PÚBLICA **MIGUEL PENAS** 27 de fevereiro de 2015

Febereiro de 2015 pode ser um mês que marque um ponto de inflexom na história da nossa língua no atual território da Galiza. Começou com umha importante mobilizaçom social em favor do galego e finalmente termina com bom sabor de boca, fruto da assinatura dum acordo de colaboraçom entre o Presidente do governo galego e o Chefe de Estado português. Parece evidente que a língua importa, ainda na Galiza do século XXI.

Importa, e muito, porque umha percentagem relevante do povo galego assim o tem manifestado, nunca melhor dito, polas ruas e praças da capital galega numerosas vezes. Assim como no seu agir do dia a dia. Falamos de umha proporçom elevada da cidadania galega que nom sempre se sentiu amparada pola administraçom que maior cumplicidade e sensibilidade deveria mostrar neste tema, a própria Junta da Galiza. O atual governo galego chegou ao poder depois de ter-se apoiado, entre outros argumentos, num ilusório conflito construído fundamentalmente por quem realmente mostra um ódio terrível frente à língua do país. Quebrou-se, assim, um fraco consenso que tinha as suas peças fundamentais no decreto Filgueira de 1982 e no Plan de Normalización de 2004. Um velho consenso que fora construído de costas viradas a estratégia histórica do galeguismo e que nestes últimos 30 anos insistiu no afastamento da nossa fala a respeito daquelas variantes alheias às atuais fronteiras de Espanha. Um ideário que reconhecia como galego as falas de três concelhos da província de Cáceres, mas nom o galeguíssimo falar de Castro Laboreiro. Qualquer observador externo dá-se conta que esta forma de conceber a língua foi bem pouco eficaz e nada produtiva.

Trinta e três anos de velho consenso que nos transportárom até o ponto atual. Mais de três décadas de umha estratégia que ocultou o potencial do galego e que, aliás, deixava fora esse importante setor da cidadania que já nom fala galego habitualmente. Um caminho que se centrou numha rígida filiaçom identitária que até podia deixar excluída essa parte do povo galego que já nom é utente da língua própria do país. Um velho consenso fracamente partilhado por aqueles que tenhem utilizado o idioma como umha arma política ainda que com diferentes objetivos.

Chegados ao ponto atual é preciso construirmos entre todas e todos o novo consenso. Umha nova estratégia que da AGAL transmitimos com a metáfora do New Deal: quando as cousas venhem viradas é necessário mudar o rumo. Viremos 180º graus para começar por reconhecer que no novo consenso o português tem de ocupar umha posiçom central. Para algumhas galegas será mais umha língua estrangeira -de fácil aprendizagem- e para outras será mais umha variedade do galego. Ambos os sentimentos som compatíveis no novo consenso, e todas as partes tenhem muito a ganhar.

Jogar a ganhar, a que todas as partes ganhem foi o espírito fundamental que guiou a Lei Paz Andrade, que agora em março completará o seu primeiro ano de vida. A dinámica desta lei é umha boa mostra de como pode ser este novo consenso. A iniciativa da lei chegou ao Parlamento com um alargado apoio social -mais de 17.000 sinaturas- e foi aprovada por unanimidade dos quatro grupos lá representados. A partir de diferentes conceções e com distintos posicionamentos chegamos a um ponto em comum, o português de Portugal, do Brasil, de Angola tem de ocupar um espaço importante na Galiza, dado que isto é bom para a sociedade no seu conjunto, vivamos como vivamos o galego.

O novo consenso tem de chegar para transformar o galego numa língua completa e global. Vai ser o motor para revitalizar os seus usos, alargá-los e mostrarmos orgulhosamente como somos o único coletivo no Planeta Terra que pode comunicar de forma natural com as sociedades que falam em espanhol e em português, as duas línguas latinas mais estendidas. O novo consenso é umha estratégia envolvente e abrangente, é um roteiro que dá sentido ao galego para qualquer pessoa da Galiza. É um caminho que combina identidade e utilidade para a língua, independentemente do relacionamento que desejemos ter com ela.

Porque o galego-português é a nossa língua própria, mas nom exclusiva do nosso território. E por isso que saudamos e damos as boas-vindas ao novo consenso.

Olá, Novo Consenso!

O atual governo galego chegou ao poder depois de ter-se apoiado, entre outros argumentos, num ilusório conflito construído por quem realmente mostra um ódio terrível frente à língua do país.

Quebrou-se, assim, um fraco consenso que tinha as suas peças fundamentais no decreto Filgueira de 1982 e no Plan de Normalización de 2004.

Um ideário que reconhecia como galego as falas de três concelhos da província de Cáceres, mas nom o galeguíssimo falar de Castro Laboreiro.

OPINIOM

Um New Deal para o galego

praza PÚBLICA **VALENTIM FAGIM** 15 de outubro de 2014

O instituto Galego de Estatística fornece-nos novos velhos dados sobre o usos da nossa língua na Galiza. Novos porque acabam dex sair, velhos porque não surpreendem ninguém. Quem tem olhos para ver, vê, e quem tem orelhas para ouvir, ouve.

O primeiro instinto é apontar o dedo acusador para a classe governante. E tem sentido. O único problema é não poder acusá-los de estar a fazer as cousas mal. Polo contrário, estão a fazê-las mesmo bem. De aí os novos velhos dados.

Que fazemos então com o nosso dedo acusador? Eu meteria-o no bolso e como diz Dora, a aventureira, "vamos parar para pensar". É uma rapariga com juízo a Dora, Se alguém não a conhecer, é apenas sintoma de não ter filhos, sobrinhos ou netos em formato miúdo. Nada de grave.

Vamos parar para pensar, então. Diante dos olhos temos uma língua que está a ser substituída por outra, na qual, ademais, se está a dissolver e misturar. Para fazer frente a esta dinâmica temos duas estratégias sobre a mesa. Uma delas foi implementada nos últimos trinta anos e, em resumo, propõe desligar-nos das outras variedades, populações e países que as falam. Orgulhosamente sós, que se diz nestes casos. Ligado a isto, usa um modelo de língua misturado com a língua hegemónica para assim ser mais fácil a sua aceitação social. A priori, nada de mau... até que se implementa.

A estratégia que se está a implementar não tem mais caminho para percorrer.

O senhor Hoover tivo o azar de ser presidente dos EUA a coincidir com a depressão de 1929. Ele acreditava no self-made-man, no individualismo, na eficácia da iniciativa privada. Nada de mau...até que tens uma depressão económica que depaupera milhões de famílias.

Se a Dora, a aventureira, tivesse nascido na época do Hoover abriria a sua Mochila e perguntaria: que é preciso para sair da crise? E apareceriam vários objetos, entre eles o self-made-man mas não pegaria nele. Escolheria o New Deal, uma outra estratégia, em que o estado intervém maciçamente para ativar a economia. No caso da língua falamos de uma intervenção que acompanhe e reforce as iniciativas já existentes criadas polos movimentos sociais, e que só precisam de ser multiplicadas.

Por que, afinal, disso se trata. De estratégias. A que se está a implementar não tem mais caminho para percorrer. Que tal se ensaiamos a outra, a que vive a nossa língua como sendo internacional? Num começo pode-se fazer numa escala pequena. Aplicamos o esquema de ensaio-erro e vamos provando e ampliando. Afinal, temos poucas certezas mas uma delas é poderosa, mais do mesmo não vai dar.

FUNDAÇOM MEENDINHO

A Fundaçom Meendinho, ao serviço do povo da Galiza e a sua cultura nacional

RúA
Restaurante

Tlf. 981 55 64 69 rua.restaurante
Santiago de Compostela
Rúa de San Pedro, 24

Um NEW DEAL para o GALEGO

I ❤ ÑD

Q❤eremos um NEW DEAL para o GALEGO

O New Deal, novo trato ou novo consenso, foi a resposta do governo do Presidente F. D. Roosevelt à depressom do 29. Um dos pontos chave do seu sucesso foi que descansou sobre um novo consenso: a velha forma de fazer as cousas simplesmente nom funcionava, ficara vazia e sem conteúdo. Os EUA estavam numha situaçom estranha com um grande número de pessoas a viverem na pobreza absoluta enquanto os numerosos recursos que os poderiam ajudar nom produziam o bastante. Havia riqueza mas nom estava a ser usada. Este New Deal, implementando umha nova estratégia, permitiu os EUA saírem da crise.

No mês de janeiro de 2015, e antes de ser eleito primeiro-ministro na Grécia, Alexis Tsipras dirigiu umha carta aberta ao povo alemám para explicar o que o seu partido faria caso conseguisse chegar ao governo. No penúltimo parágrafo desse texto manifestava o seu desejo de "obter um New Deal europeu, através do qual o nosso povo poda respirar, criar e viver com dignidade".

Momentos críticos requerem, precisamente, soluções extraordinárias. Novos caminhos que permitam confrontar as crises e superá-las.

Na Galiza levam-se três décadas aplicando a mesma estratégia no ámbito da língua, e levamos o mesmo tempo recebendo os mesmos dados, negativos, sobre o seu uso social. O velho consenso do galego descansa sobre a ideia de que a língua falada no Brasil, em Portugal ou em Angola, tal como as sociedades que as falam e as suas ricas produções, simplesmente nom nos interessam, apesar da língua portuguesa ter nascido na Galiza. O velho consenso descansa sobre a ideia de que o galego nom sobressai do quadro administrativo espanhol e fora daí tudo é estrangeiro e portanto estranho. O velho consenso vive na ilusom de que nos bastamos sós, que nom precisamos mais ninguém e que seremos capazes de produzir tudo o que precisa umha pessoa galego-falante que aspire a viver em galego.

Trinta anos deveriam ser suficientes para tomar consciência que este modelo está acabado e nom vai dar mais de si. Um velho consenso que nom vai dar para conseguir superarmos a dura crise que sofre o galego, na Galiza. É preciso atingirmos um novo consenso e umha forma diferente de fazer as cousas.

A Lei Paz Andrade pode ser um ponto de partida para esse consenso. Aprovada por unanimidade e partindo de diferentes focagens encontra um espaço para o português na Galiza sem necessidade de que ninguém perda o seu. As medidas que propom serám um reforço poderoso para a língua galega e sobretudo permitirám aumentar o bem-estar das galegas e dos galegos, falem a língua que falarem.

É tempo de fazer e de avançar na procura do NEW DEAL que o galego precisa. É tempo de construir esse NOVO CONSENSO para mudarmos o roteiro. Queremos continuar a torcer o gesto com más notícias ou construir umha nova forma de fazer as cousas?.